

CADERNO DE RESUMOS

Essa escrita negada, filha de muitos, sempre em movimento, invadiu quase todo o planeta, e insiste em cada lugar onde ainda não foi reconhecida. Tem ela outro destino que essa propagação constante? Conhece outra lei que essa travessia de fronteira que é a sua regra, a qual cada um deve se submeter a cada vez que quer escrever?

Gérard Pommier¹

Os arautos dos fins dos tempos apressam-se a afirmar que o fim da escrita é uma questão de tempo. Para eles, em face do crescente império do imaginário, falta pouco para que a escrita, tal qual a conhecemos, seja substituída por dispositivos icônicos. É como se estivéssemos prestes a trocar as letras pelos *emoticons* e assemelhados. Em 2008, os membros do *Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise – GEPPEP* discutiram os impactos que os efeitos da globalização tiveram sobre a escrita e o seu ensino. Na ocasião, concluímos que esta visão sombria não se justificava. Parecia-nos que, em nossa civilização, os mais velhos ainda conseguem ajudar os mais novos a atravessar o espelho e a encontrar a chave da escrita. Nesta direção, iniciamos o projeto de pesquisa coletivo *Movimentos do Escrito*, no qual investigamos a relação do sujeito contemporâneo com o texto escrito e com o ato de escrever. Agora, primeira vez que vimos a público para dar a ver os resultados parciais desta pesquisa, tomamos como mote de nossos trabalhos o romance *História sem Fim*, de Michel Ende, publicado em 1979, com o título de *Die Unendliche Geschichte*, no original alemão². Assim, na trilha do encontro que Bastian tem com a possibilidade de escrever as linhas do próprio destino, propomo-nos a discutir o traçado do renascimento contemporâneo que se vislumbra por meio do trabalho de quem não se limita a lamentar um passado mítico, no qual todos aprendiam a escrever sem dificuldades.

Quinta-Feira, 29 de Outubro

9h00- É melhor sozinho ou acompanhado? Intervenções de orientador

Finalmente, o velho fechou novamente o livro, deixando o dedo entre as páginas, e resmungou: — Preste atenção, menino! (*op.cit.*:4)

DIFERENTES MANEJOS DA TRANSFERÊNCIA E AS IMPLICAÇÕES PARA A PRODUÇÃO ESCRITA DO FUTURO PESQUISADOR: UM ESTUDO DE CASO

Débora BAGHIN SPINELLI

Orientadores e orientandos que “não se escolheram” a priori, mas que, *burocraticamente*, precisam iniciar um percurso juntos. Orientadores que assumem alunos vindos de outras instituições de ensino, já iniciados em pesquisa, e, muitas vezes, identificados ao trabalho de seus ex-orientadores. Relações complexas e delicadas. Relações de amor, ódio, resistências, que determinam a formação do futuro pesquisador. Preocupados em compreender de modo mais profundo essa complexidade, buscamos investigar possíveis manejos da transferência, por parte do orientador, e as implicações desses manejos para a produção escrita de seu aluno. Apresentamos, para isso, um estudo que fizemos do percurso de um mestrando de uma universidade pública paulista, na área de Humanidades, entre os anos 2005 a 2008. Este aluno, em particular, foi orientado por duas professoras nesse período: dois anos e meio por uma (P1, daqui por diante), culminando com a reprovação de seu trabalho na qualificação; e cerca de seis meses por outra (P2), quando obteve êxito tanto na qualificação como na defesa de sua dissertação. Focalizaremos, primeiramente, a relação estabelecida entre o aluno e P1, procurando mostrar como determinadas características do manejo dessa professora colaboraram para o fracasso do trabalho. Para isso, apresentaremos a análise de excertos de uma entrevista que realizamos com o aluno e de manuscritos produzidos por ele (3 versões de sua dissertação) quando sob orientação dessa professora. Em seguida, pretendemos tratar da análise do manejo realizado por P2, quando focalizaremos, principalmente, trechos de e-mails trocados entre eles no período de orientação. Baseamos, em nossa pesquisa, nos trabalhos de *Freud* (1915, 1920), *Lacan* (1951, 1960-61), e, em âmbito nacional, nos trabalhos de Riolfi (*Riolfi e Andrade* (2009), e *Riolfi* (no prelo)).

Palavras-chave: escrita acadêmica, transferência, manejo.

¹ Tradução livre de fragmento da seguinte obra: POMMIER, Gérard. *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993 : 191

² Todas as citações do texto literário foram retiradas de: ENDE, Michael. *A história sem fim*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ENSINAR A ESCREVER O TEXTO ACADÊMICO: AS INTERVENÇÕES DO ORIENTADOR NA ESCRITA DE SEU ALUNO

Emari ANDRADE

Aprender a escrever o texto acadêmico é um percurso ordinariamente pontuado por impasses e dilemas das mais diversas ordens. Para contorná-los, o aluno conta com o trabalho do orientador que, por muitas vezes, precisa ensinar ao jovem pesquisador a apropriar-se do saber constituído em sua área de pesquisa. O presente trabalho visa responder à seguinte pergunta de pesquisa: quais os dispositivos são utilizados por um orientador para ensinar seu aluno a escrever o texto acadêmico? Para tal fim, tomo como objeto de pesquisa os *manuscritos escolares* (CALIL, 2008) produzidos por uma aluna durante a realização do mestrado na área de *Linguagem e Educação* em uma universidade pública. Somado o número dos manuscritos, tem-se o total de quatrocentos e noventa, dos quais cento e vinte contêm intervenção do orientador. Neste trabalho, analiso o manuscrito 32, o qual foi produzido em parceria com a orientadora durante uma das primeiras reuniões de orientação e retomado pela aluna quase sete meses depois. Com o objetivo de dar um direcionamento à aluna com relação à estrutura de seu trabalho e dos prazos que deveria cumprir, neste manuscrito a orientadora agencia a consecução dos trabalhos que são pressupostos pela lógica da pesquisa e de sua textualização. Assim, ensina a aluna que para escrever não pode pautar-se em um imaginário de escrita, mas é necessário criar dispositivos para inserir-se no registro do saber já constituído. Na análise dos dados, o conceito de *formacrição* (RIOLFI, 2001) será mobilizado, uma vez que a partir dele pode-se interrogar em que lugar o orientador deve se colocar na relação com seu aluno para que seja possível exercer ações formativas.

Palavras-chave: ensino da escrita, formação de pesquisadores, psicanálise.

LAÇO QUE UNE O ORIENTADOR E ORIENTANDO E SEUS EFEITOS NA ESCRITA ACADÊMICA

Lisiane FACHINETTO

Muitos dos impasses e dos sucessos no ato de escrever um trabalho acadêmico se devem à qualidade do laço que une o orientador e orientando. O presente trabalho visa a responder à seguinte pergunta de pesquisa: como se configura o manejo feito pelo orientador no processo de escrita? O *corpus* da pesquisa é composto por textos acadêmicos (projeto de monografia e monografia de pós-graduação) de uma aluna de uma faculdade particular (no período de 2007 a 2008). Além dos *manuscritos escolares* (CALIL, 2008), o *corpus* é formado pelas intervenções da orientadora e e-mails trocados entre a orientadora e a orientanda. Um processo de escrita que inclua um parceiro, o orientador, pode provocar deslocamentos naquele que escreve, levando-o a uma ressignificação e responsabilização da própria produção. Assim, o objetivo da pesquisa é mostrar os recursos utilizados pela orientadora para impedir um fechamento prematuro por parte da orientanda e, assim, lançá-la a sucessivas formulações de sua questão. O campo teórico que embasa a pesquisa é a psicanálise de orientação lacaniana. Mais especificamente, recorreremos ao conceito de transferência para pensar o laço entre a orientadora e orientanda e seus efeitos na produção da escrita acadêmica. Como verificamos que tanto a posição da orientadora quanto da orientanda produzem efeitos no processo de aprendizagem, nos interessa investigar as intervenções da orientadora no que se refere à passagem de uma escrita de lógica metonímica (com predominância de progressão linear) para uma metafórica (com predominância de retroação), a partir da qual quem está em formação possa alcançar maior autonomia com relação à construção do texto acadêmico e ao saber já constituído.

Palavras-chave: escrita acadêmica, transferência, manejo.

11h00- Textos abertos ou cabeças fechadas? O modo de produção e a leitura

Bastian teve a estranha sensação de que aquele toque desencadeara qualquer coisa que agora devia forçosamente seguir seu curso. (*op.cit.*:7)

O OLHAR DO OUTRO: UM FATOR QUE DESENCADEIA UMA CRISE

Débora TREVIZO

Focalizando a escrita acadêmico-escolar, partimos da informação de que muitos teóricos, os quais discorrem acerca do ensino de língua portuguesa, apontam para a existência de uma crise. Pretendemos, então, estudar se um dos motivos propulsores dessa crise é o tamanho que o olhar inibidor do outro – do professor e dos autores nos quais os alunos universitários se baseiam – pode tomar, fazendo com que esses alunos recorram ao discurso de tais figuras para produzirem textos; acreditando que, assim, irão conseguir fazer parte do grupo das pessoas que manejam a língua escrita. Entretanto, esse movimento não garante que as produções abranjam os fatores de textualidade (aspectos responsáveis por determinar se um agrupamento de frases corresponde ao que se denomina *texto*), o que as torna precariamente sustentáveis. Tal fato resulta, então, em produções esvaziadas de sentido, desorganizadas, confusas e que, ao invés de inserirem o estudante no grupo pelo qual almeja, apenas mascaram sua participação. Isso ocorre porque apesar de o indivíduo fazer parte da comunidade produtora de textos, não avança além do plano da aparência. A partir de uma análise prévia dos dados, podemos concluir que a escrita funciona como uma imagem – uma imitação – a qual não atribui sentido ao sujeito, mas se torna um meio de o mesmo tentar se inserir no

simbólico, ou seja, é uma maneira de ele buscar se relacionar com o mundo à sua volta de forma organizada e coerente. Todavia, por tal escrita ser somente uma imagem, acreditamos que o indivíduo, na realidade, permanece no imaginário, isto é, ele somente simula a organização.

Palavras-chave: escrita acadêmico-escolar, crise na escrita, olhar do outro.

IMAGENS DE TEXTO: O QUE FICA E O QUE PASSA NA CONSTRUÇÃO DO SER

Janaina OLIVEIRA-SILVA

Ao sujeito contemporâneo, é ofertada uma gama de possibilidades de textos, porém, é perceptível que ele vai se deixar levar por discursos com os quais ele se identifica e que lhe possibilitam se sentir parte do grupo. Isso se dá a partir da materialidade lingüística. Se aliarmos essa identificação ao momento sócio-histórico, caracterizado pela globalização mercantil, veremos uma propensão que sugere ao indivíduo ser ele mesmo dono de seu destino, outorgando-lhe o poder de escolher quem quer ser. Nesse sentido, emerge o texto publicitário como intermediário na sugestão da aparente escolha que é dada ao indivíduo de modo a figurar-se como um jogo combinatório que busca traduzir as expectativas e necessidades do indivíduo, estabelecendo, assim, um elo entre o sujeito e o produto ofertado. Com isso, quando um sujeito escolhe comprar, deixando-se levar pelo discurso do texto publicitário, sem que haja uma reflexão mais apurada, parece-nos que o sujeito se porta como uma criança deslumbrada, assemelhando-se à posição ocupada pelos egípcios antes da invenção da escrita; pois, ainda que não tenha havido sujeição à publicidade para e pelos egípcios, nota-se que houve um considerável apreço pela imagem, outrora pelos hieróglifos, agora pelas possibilidades estabelecidas pelo texto publicitário apresentando-se a esse sujeito contemporâneo como escopo imagético, que se organiza no jogo combinatório da linguagem. Parece-nos viável, portanto, a hipótese de que há a "necessidade" desse sujeito de querer ser parte de um grupo "especial", daqueles que têm o objeto em destaque, para então, também serem destaques; o que significa dizer que o sujeito enxerga no produto à venda a suposta imagem que ele representa ou tenta representar, passando a ser elemento articulatório na construção de um caminho da expressão individual do sujeito.

Palavras-chave: escrita; texto publicitário; análise do discurso.

POR UM TOQUE, RECOLHER-SE NO ESCRITO

Valdir Heitor BARZOTTO

Nossa reflexão tem por objetivo buscar respostas para a pergunta: Que produção conseguimos oferecer quando somos convocados a escrever e estamos expostos a uma grande oferta de textos para leitura? Tal pergunta vem da inquietação provocada por uma percepção inicial de dois fenômenos imbricados: a sociedade contemporânea tem redefinido o entendimento do que seja a escrita e produzido outra concepção de conhecimento. Se nossa hipótese estiver correta, estamos diante de indícios que permitem nuançar uma reflexão sobre a relação entre o sujeito e o escrito. Essa reflexão teria em sua base a seguinte ambiguidade: ir ao texto pode ser um exercício de encontro consigo mesmo, não por um exercício narcísico, mas pela possibilidade de reconhecer-se sujeito por identificação com um semelhante que deixou suas marcas no texto ou, ao contrário, um exercício de perder-se de si pela impossibilidade de encontrar ali marcas características de um sujeito. Até o momento, podemos afirmar que há indícios de que a redefinição da escrita esteja promovendo um aprisionamento deste sujeito num labirinto de textos no qual imerge cada vez mais em seu cotidiano. Assim, ao invés do encontro, um texto estaria promovendo quedas em abismos, cujas saídas dependem de ações contrárias ao que se entende hoje por leitura.

Palavras-chave: leitura; produção de conhecimento; identificação.

14h30- Quem se apropria de quem? O aluno universitário e a teoria que ele estuda

Percebia agora que tinha entrado na loja por causa daquele livro, que o livro o tinha atraído de alguma forma misteriosa, porque queria pertencer a ele. (*op.cit*:9)

RELATAR A PESQUISA: APRENDER A ESCREVER E INSCREVER

Mariana Aparecida de Oliveira RIBEIRO

Esse trabalho toma uma passagem constitutiva da formação do pesquisador que adentra uma teoria previamente desconhecida como objeto, a saber: a do imaginário para o simbólico. Neste sentido, é solidário às pesquisas de Pommier (1993) que afirmam que cada aprendizado da escrita é um renascimento. Mais especificamente, interessamos saber como uma pesquisadora, para inserir-se em uma comunidade científica, registra sua lida com a teoria que embasou sua pesquisa. Nesse sentido, a questão que norteia este trabalho é: como uma mesma pesquisadora utiliza a teoria em dois momentos distintos de sua formação (a iniciação científica e o doutorado)? Por meio da análise, procuraremos mostrar que, ao redigir a parte teórica de seus relatórios de pesquisa, a informante refaz os passos que são feitos quando se aprende a escrever. De modo geral, notamos a existência de dois momentos distintos: 1) um em que há a predominância do imaginário, nele a teoria é utilizada apenas para preencher o relatório e 2) um em que há a predominância do simbólico, no qual o dado funciona como uma chave de leitura para a teoria.

Palavras-chave: escrita, formação do pesquisador e mudança subjetiva.

POR UMA ÉTICA DA CRIAÇÃO: O SUJEITO E SUA RELAÇÃO COM A TEORIA NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Mical de Melo Marcelino MAGALHÃES

Buscamos investigar as relações que professores em formação (especificamente, alunos de um curso de Pedagogia) estabelecem com as teorias mobilizadas ao longo de seu percurso universitário. Em outras palavras, interessa-nos observar como o conhecimento teórico comparece nos textos produzidos por esses alunos, quando convocados a articulá-lo na análise de experiências práticas em sala de aula. Uma vez que, na esteira de Pommier (1993), consideramos uma gama de possibilidades de um sujeito se relacionar com a instância paterna (aqui entendida como o conhecimento teórico veiculado na universidade), perguntamo-nos: Quais matizes das relações com o saber teórico um professor em formação pode estabelecer podem ser apreendidas por meio da análise de seus textos relacionados aos trabalhos acadêmicos universitários? Para tanto, tomamos como objeto de análise três trabalhos apresentados por alunos de um curso de Pedagogia, procurando indicar não só as relações com a teoria que os sujeitos dão a ver por meio de sua produção escrita, mas também buscar indicativos do papel da intervenção do professor universitário no sentido de “ensinar” aos seus alunos, uma escrita comprometida com a ética da criação, o que pode possibilitar ao sujeito, sem desconsiderar o legado da teoria, a construção de um lugar próprio de onde possa falar.

Palavras-chave: escrita, conhecimento teórico, ética da criação.

APRENDENDO A ESCREVER: DA REFERÊNCIA À SIMBOLIZAÇÃO

Suelen Gregatti da IGREJA

Na sociedade contemporânea, quando um sujeito em formação passa pelo processo de escrita do texto acadêmico, precisa lidar com duas ordens distintas e complementares: a imagética, predominante na escrita que se produz na pós-modernidade, que se estabelece pela construção de uma imagem de texto estruturado que possa transitar na sociedade; e a simbólica, na qual deve articular seu escrito segundo uma lógica e de modo a relacioná-lo com os conhecimentos previamente produzidos. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho toma como norte a seguinte pergunta: de que modo um jovem pesquisador em formação estabelece relações, nas citações que realiza ao longo do processo escritural, entre sua pesquisa e o legado cultural que o precedeu? Para respondê-la, foram tomados como objeto de análise seis *manuscritos escolares* (CALIL, 2008), referentes às versões do projeto de mestrado escrito para fins de ingresso na pós-graduação, produzidos em 2005 por uma jovem pesquisadora na área dos Estudos da Linguagem. Se, num primeiro momento, o pesquisador reproduz as informações tais como foram dadas pelo orientador; num segundo momento, por meio do *trabalho de escrita* (RIOLFI, 2003) cria-se a possibilidade para que ele se constitua enquanto pesquisador. Para tal, precisa realizar um duplo movimento: interagir com o conteúdo que leu e, ao mesmo tempo, retornar à sua própria escrita. Isso permite ao sujeito administrar a heterogeneidade discursiva, de modo a relacionar a teoria utilizada com a lógica de seu trabalho, tornando operacionais os conceitos mobilizados.

Palavras-chave: escrita, heterogeneidade discursiva, formação de professores.

16h30- Referência ou reverência? Citação de estudante.

E, de repente, sentiu que aquele momento tinha algo de solene. Endireitou-se no assento, pegou o livro, abriu-o na primeira página e começou a ler. (*op.cit.*:12)

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DE UMA ESCRITA IRREVERENTE

Daniela EUFRÁSIO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os modos possíveis de posicionar-se, no procedimento de análise textual, numa perspectiva de não se buscar a coerência do texto na sua linearidade material, mas de poder ler as produções sob análise quanto ao que elas apontam como novo e revelador. Para efetivação da discussão e da análise propostas, tomaremos como objeto de estudo a produção acadêmica de Iniciação Científica (IC) do banco de dados “Movimentos do Escrito”. Nesta produção, a informante analisou, entre 2006 e 2008, a representação do aluno alfabetizado na Rede Estadual de Ensino de São Paulo. O trabalho pretendido nesta comunicação é o de verificação e reflexão sobre como, em excertos desta produção de IC, podem ser interpretados procedimentos de controle do discurso – autor e comentário – e momentos em que se abre a possibilidade de verificar o não-controlável. Os conceitos de *autor*, entendido como um “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem das suas significações, como lastro de sua coerência” e de *comentário*, que “ao dar conta das circunstâncias do discurso, exorciza o acaso do discurso: [sendo que], em relação ao texto, ele permite dizer outra coisa, mas com a condição de que seja esse mesmo texto a ser dito e de certa forma realizado”, serão abordados a partir das formulações foucaultianas em **A ordem do discurso**. Quanto à irrupção do que revela um lugar de produção

renovadora, na linearidade discursiva, estabeleceremos um diálogo com o arcabouço teórico da psicanálise lacaniana.

Palavras-chave: escrita, produção acadêmica, análise do discurso.

A CONSTITUIÇÃO DA ESCRITA ESCOLAR EM OBJETO DE INVESTIGAÇÕES ACADÊMICAS

Emerson de PIETRI

O presente trabalho tem o objetivo de conhecer os modos de constituição da escrita escolar em objeto de análise em investigações acadêmicas. O *corpus* da pesquisa é composto por textos acadêmicos (dissertações e teses) produzidos entre os anos de 1976 e 1981, no Brasil, que possuem a escrita escolar como objeto de suas análises. O campo teórico que embasa a presente pesquisa é a análise de discurso de linha francesa, enfatizando-se a contribuição da psicanálise em sua fundamentação teórica. A hipótese com que se trabalha é a de que a constituição da escrita em objeto de análise se tornou possível quando situada no lugar de uma ausência, isto é, quando considerada, em investigações acadêmicas, como um espaço vazio, um lugar do equívoco, da falta, da latência de algo cuja existência se encontra em outro lugar e que pede para ser interpretada. A consideração da escrita escolar como aquilo em que se encontra a ausência de sujeito (posição subjetiva), de expressão (em sua relação com o pensamento), e de trabalho (reduzido ao preenchimento de espaço/tempo), produz um objeto que reúne, em si, um real próprio aos três principais objetos fundadores de discursividades nas ciências humanas do século XX: o inconsciente, a língua e o trabalho.

Palavras-chave: escrita acadêmica, epistemologia, discurso.

ANÁLISE DE TEXTOS DE GRADUANDO: A BUSCA POR NOVOS SENTIDOS

Fernanda Vilhena Mafra BAZON

Este estudo tem como objetivo deter-se na análise de produções de Iniciação Científica (IC) de uma mesma informante, que disponibilizou seu material para o banco de dados “Movimentos do Escrito”. Esta escolha representa o estabelecimento de diálogo com a comunicação intitulada “Condições de Produção de uma Escrita Irreverente”, parte dos trabalhos deste Workshop, que também se ocupa do material fornecido por esta mesma informante. Sendo assim, este trabalho pretende mostrar-se enquanto um exercício de interpretação das irrupções de novos sentidos ao longo dos textos objetos de estudo. Utilizando-se do referencial da psicanálise e de conceitos foucaultianos, buscaremos marcas, indícios, que irrompem a materialidade discursiva apontando para lapsos de escrita nos quais podem estar inscritos “formações de compromisso entre a intenção consciente e o recalcado” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998, p. 44) e, ainda, o possível aparecimento da transferência estabelecida com o professor orientador. Acredita-se que por meio do conceito de transferência pode tornar-se possível de serem lidos os momentos em que nesta relação há uma mudança de posição e o aparecimento do novo, para tanto será considerada como transferência o “processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles...” (*Idem*, p. 514).

Palavras-chave: escrita, transferência, autoria.

Sexta-Feira, 30 de Outubro

9h00- Enunciar é possível? O sujeito e a instituição

Se alguém, por descuido, pusesse o pé num desses lugares, o pé desaparecia também... ou a mão... ou tudo o que lá entrasse. Não doía. . . mas de repente a pessoa ficava com um pedaço a menos. Algumas pessoas atiravam-se de propósito lá para dentro, ao verem que o nada se aproximava demais. É que o nada exerce uma atração irresistível, tanto mais forte, quanto maior é o lugar. (*op.cit*:18)

EDITAIS DE CONCURSOS PÚBLICOS: DE ONDE E PARA QUEM?

Adriana Santos BATISTA

Partindo do pressuposto de que uma das funções dos editais de concursos públicos é explicitar o perfil de profissional que se quer contratar, este trabalho pretende discutir quais fontes são tomadas como base para a escolha das obras indicadas em editais de concursos públicos para professores de Língua Portuguesa e, a partir daí, verificar quais imagens de professor formam-se por meio desses documentos. Como *corpus* foram selecionados treze editais de concursos da Grande São Paulo para professores de Língua Portuguesa (Ensino Fundamental II), todos publicados entre 2002 e 2009; a seção de interesse para esta pesquisa é denominada na maioria dos documentos como *conteúdo programático*, parte em que são dispostos conteúdos e obras que o candidato deve conhecer. Os resultados preliminares mostram que os livros mais indicados costumam estar presentes em publicações institucionais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais; entretanto, merece destaque o fato de as análises demonstrarem que outros editais também são tomados como base para a escolha das indicações bibliográficas. Entre os livros mais indicados, há títulos que não existem de fato, equívocos de escrita transformaram “ensinar” em

“escrever”, “escola” em “escrita” e “interdisciplinaridade” em “intertextualidade”, criando, então, livros que só existem no interior de editais de concursos públicos. Os mesmos equívocos nos nomes das obras estão presentes em editais de diferentes estados, fato que evidencia a formação de uma rede em que editais tomam outros editais como referência, atividade de cópia que acaba por criar obras materialmente inexistentes. Cria-se, portanto, uma imagem de professor pouco preocupado com a leitura e que não procuraria os livros indicados; características que se opõem a atividades inerentes ao ensino de língua portuguesa: ler e ensinar a ler.

Palavras-chave: concursos públicos, professor de Língua Portuguesa, cópia.

LÍNGUA E ACONTECIMENTO: OS SILÊNCIOS DA ESCRITA

Eugénia de Jesus NEVES

O ponto de partida de minha pesquisa é o Tétum, uma língua do Timor Leste definida como língua co-oficial, paralelamente à Língua Portuguesa. O Tétum, como todas as outras línguas timorenses, não possuem registros escritos que permitam identificar sua origem e evolução. Mesmo depois de se tornar língua co-oficial sua documentação é escassa. Assim, minhas análises terão como *corpus* os jornais timorenses. Sendo uma língua oficial e devendo ser usada de forma consistente na administração e no ensino, foi estabelecido um padrão ortográfico com caráter legislativo para a uniformização da escrita. Este padrão reflete a necessidade de adequar a escrita ao sistema fonético desta língua, que tem características próprias, mas também tem influência do Português que, enquanto língua escrita, já tem história no Timor Leste. Por isso, levo em conta que existem motivos históricos para a predominância de uma civilização sobre a outra. A necessidade de um país passar uma fronteira para adquirir a escrita da sua própria língua, parece ser regra geral, como acontece, por exemplo, com as grafias chinesas usadas pelos japoneses (POMMIER, 1993). Ao cruzar fronteiras em busca da construção de sua escrita, um país faz de sua língua um território habitado também pelo estrangeiro. As marcas deste outro materializam-se na língua tanto pelo que dele se empresta, quanto pelos silêncios que ele impõe. De que maneira Tétum escrito permite observar movimentos de vozes e silêncios, à luz de alguns acontecimentos históricos, é nossa pergunta de pesquisa. Antes, é a delicada tarefa a que nos lançamos como falante destas línguas.

Palavras-chave: Tétum, política linguística, empréstimos.

POLÍTICAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA: MOVIMENTO E ESTAGNAÇÃO EM DOCUMENTOS OFICIAIS

Francisca Maria Soares dos REIS

O objetivo deste trabalho é comparar documentos oficiais a respeito da educação do Timor Leste e do Brasil para observar suas semelhanças e diferenças. Essa comparação mostra-se uma possibilidade de verificar como aquilo que foi lido se faz presente em outro contexto histórico e social. O *corpus* é composto pelo Guia dos Professores do Ensino Básico, do Timor Leste, e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1º e 2º ciclos), do Brasil. Tais documentos foram escolhidos por terem abrangência nacional em seus respectivos países. Os dados preliminares demonstram que o Guia dos Professores ainda não é condizente com a realidade linguística local, em que apenas 20% da população compreende a língua portuguesa. A hipótese desta pesquisa é que os textos oficiais do Timor Leste ainda estão passando por uma fase de formação de sua própria identidade, assim como o país, que se tornou independente há pouco tempo. Esse período de estabelecimento da identidade passaria por uma fase em que são necessárias outras fontes para se orientar, no caso do Timor Leste, essas bases seriam documentos de outros países que têm o português como língua oficial, como Brasil e Portugal. Fazendo uma alusão à Psicanálise, é possível pensar esse processo como a escolha de um pai, o prejuízo dessa escolha para o país, no entanto, seria a impossibilidade de formular um texto próprio, adequado à situação cultural que de fato existe.

Palavras-chave: Timor-Leste, língua portuguesa, formação de professores.

11h00- A metalinguagem toca o dado? Recursos lingüísticos de Fantasia

Bastian estava com água na boca. Era como se, de repente, pudesse sentir o cheiro da refeição dos gnomos. Farejou à sua volta, mas é claro que tudo não passava de imaginação. (*op.cit.*:68)

TÓTENS, PAI VIVO E PAI MORTO, PODERES ENCERRADOS NO TECIDO SOCIAL

Daniel Santos SILVA

Este trabalho propõe um estudo do discurso de uma comunidade tradicional descendente de quilombolas, a Mumbuca, parte do município de Mateiros, localizada na região do Jalapão, Estado do Tocantins. Os habitantes desta comunidade ganharam notoriedade nos fins dos anos 90, quando tiveram uma das características principais de sua cultura, o artesanato produzido com capim dourado e seda do buriti, divulgado pelo Governo do Estado do Tocantins. Por isso, escolhemos como objeto de análise o modo como são materializadas no discurso da comunidade as relações estabelecidas entre seus membros e o Governo do Estado. Utilizaremos conceitos extraídos da Análise de Discurso, disciplina esta que norteará – através das falas dos membros desta comunidade – nossa busca pela

compreensão das transformações sofridas por esta comunidade a partir das políticas públicas de desenvolvimento propostas pelo Estado. Contudo, não devemos negligenciar o entendimento destas relações sociais sobre o ponto de vista de outras ciências, uma vez sabido que tanto o sujeito quanto o seu discurso são composições de uma sociedade. Para este trabalho utilizaremos conceitos advindos de outra área do conhecimento, a psicanálise. A psicanálise estuda o sujeito isoladamente, porém o resultado de toda a análise psicanalítica advirá das relações deste sujeito com o seu ambiente social, o que nos permite então, partir do individual para a compreensão do social e em sentindo oposto traçar o que do social atua nos sujeitos de uma determinada sociedade. Aqui trataremos de conceitos psicanalíticos, como: pai vivo, pai morto e totem, acreditando poder estudá-los socialmente como agentes coercivos nas decisões tanto coletivas quanto individuais. Poderemos, desta forma, entender por meio dos discursos produzidos pelos habitantes da comunidade Mumbuca particularidades dos sujeitos isoladamente e, através destas particularidades, elementos comuns para que possamos fazer inferências que nos levem a uma compreensão da organização daquelas pessoas em sociedade.

Palavras-chave: discursos; organização social; pai morto.

ESCRITA E FANTASIA

Margarete Fátima Pauletto Sales e SILVA

Neste trabalho, fruto de uma pesquisa de doutorado em andamento na Faculdade de Educação da USP, analiso a escrita a partir de uma dissertação de mestrado. O objetivo é verificar em que medida os professores que já atuam na educação básica, e recorrem a um curso de mestrado para se qualificarem, produzem “novos conhecimentos”. Para tanto, busco levantar os mecanismos linguístico-discursivos mobilizados na escrita de dissertações para gerenciar a tensão entre diferentes posições enunciativas que estão implicadas no desenvolvimento da escrita de uma dissertação no que se refere ao termo letramento. Procuo responder à seguinte pergunta de pesquisa: como se dá a apropriação do termo letramento pelo pesquisador/autor da dissertação? Para tanto, levarei em consideração o conceito de metalinguagem proposto por Geraldi (1991). Por meio da análise feita neste estudo, é possível apontar para alguns resultados que revelam a mobilização do termo como um recurso para a inserção em uma comunidade científica, ou seja, como um recurso de “fantasia” no que se revela mais reprodução, do que produção de novos conhecimentos.

Palavras-chave: escrita, novos conhecimentos, metalinguagem.

APROPRIAÇÃO DE CONCEITOS DE ÁREA NA ESCRITA ACADÊMICA

Sulemi FABIANO-CAMPOS

O presente trabalho visa a responder à seguinte pergunta de pesquisa: em que medida a análise da escrita acadêmica indicia como um pesquisador se apropria de um conceito na fundamentação teórica e o utiliza na análise dos dados? Especificamente, tenho como objetivo verificar como se dá a apropriação do conceito de gênero do discurso de M. Bakhtin em duas dissertações de mestrado da área de linguística, selecionadas do *Portal Domínio Público- CAPES*. Parto da hipótese de que, em face das pressões que sofre na contemporaneidade, o sujeito fica preso a repetição de jargões de área, como se os termos técnicos que ele utiliza fossem categorias vazias de significantes. As palavras preenchem um espaço ilustrativo no texto, como se para escrever determinados conceitos, o sujeito tivesse sempre que repetir as mesmas expressões. A sensação que dá ao ler 10, 20, 30 dissertações é que estamos sempre na mesma página, uma espécie de coletânea de conceitos idênticos. Diferenciando-se, apenas, em alguns aspectos metodológicos, ora o nome do autor, data, página ou aspas aparecem junto ao conceito e ora não. Os conceitos, ao serem retomados num texto acadêmico, preenchem categorias universais, e também são os responsáveis pela subjetivação do sujeito na escrita. Então, proponho-me a investigar como conceitos, postos na parte da fundamentação teórica, são retomados na análise dos dados para verificar se aquele que escreve se apropria do legado que o precedeu, subjetivando-o.

Palavras-chave: escrita acadêmica, subjetivação, apropriação.

14h30- Alguém escolhe de onde enuncia? A linguagem, o sujeito e o outro

A imperatriz Criança leu o que estava escrito e era exatamente o que estava acontecendo naquele instante, ou seja: "A imperatriz Criança leu o que estava escrito". (*op.cit.*: 141)

RECONTO, UM LUGAR DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Andressa Cristina Coutinho BARBOZA

Quando Bastian lê sua história recontada no livro, percebe que também faz parte da História sem Fim. A linguagem é o meio pelo qual o sujeito identifica-se com a cultura, de maneira que, ao contar uma história, também seja contado por ela. Neste momento, a distinção entre enunciado e enunciação é tênue e constantemente marcada por negociações de sentidos. Nossa investigação propõe a análise do reconto em contexto escolar, compreendido como a tarefa de contar uma narrativa a partir de uma leitura anterior, lida para ou pela criança. Seu uso é indicado na

Educação Infantil e Ensino Fundamental I (BRASIL, 1998) como estratégia de ensino mediada pelo professor para aquisição da língua materna. A partir da análise de vinte e duas narrativas recontadas por oito crianças de cinco anos (5;0 a 5;10), observou-se que: a) o reconto é uma atividade dinâmica, marcada pela alternância de jogos de linguagem e; b) durante a realização do reconto, a relação da criança com a língua é expressa por momentos de organização lógica do pensamento (LACAN, 1975-76), vinculados aos processos de simbolização e funcionamento simbólico (POMMIER, 1993); c) por ser uma atividade realizada em parceria com o adulto, o reconto é um lugar de constantes negociações de sentidos entre interlocutores. Até o momento, este estudo tem demonstrado que as negociações de sentido estabelecidas entre o outro – adulto, professor – e a criança, durante a realização de recontos, podem ser percebidas por meio de atividades epilinguísticas (GERALDI, 1997; FRANCHI, 1988).

Palavras-chave: reconto, simbolização, epilinguismo.

A CRIANÇA PEQUENA E A ESCRITA DE SEU NOME: PERCURSO PESSOAL DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA

Claudia M^a B. de ALENCAR

As produções escritas de crianças pequenas apresentam formas que não possuem relação com o padrão convencional; o que acarreta na necessidade de recorrer à própria interpretação delas para que se compreenda o que escreveram. O presente trabalho, portanto, visa a responder à seguinte pergunta de pesquisa: de que modo as crianças pequenas interpretam as marcas gráficas que produzem, de modo intencional ou acidental, ao serem solicitadas para escrever seu nome próprio? Para tanto, foram selecionados quatro sujeitos, com idade de três anos. Foram filmados durante o ano de 2009, na realização de uma mesma atividade: a escrita do nome próprio. O *corpus* é composto pela reprodução gráfica da escrita das crianças e pela transcrição de sua fala. Parte-se do pressuposto de que, ao falar a respeito de suas produções, a criança revela o percurso que atravessa para a compreensão da escrita alfabética. Dessa forma, consideramos que, embora o caminho percorrido para a construção simbólica seja pessoal, o papel exercido pelo outro na interação com a criança é fundamental para que ela ressignifique sua relação com a escrita alfabética. O campo teórico que embasa a pesquisa é a psicanálise de orientação lacaniana, cuja concepção é a de sujeito como efeito da linguagem. Até o presente momento, pode-se perceber que a instauração de uma dominância na linha associativa da criança, em função da tarefa que lhe foi solicitada, pode provocar uma importante mudança de posição naquele que está aprendendo a escrever.

Palavras-chave: psicanálise, escrita, processo de simbolização.

A ATIVIDADE DE REFORMULAÇÃO COMO FUNDAMENTO PARA UMA PRÁTICA REFLEXIVA

Márcia ROMERO

Contrapondo-se a uma concepção de alteridade externa à língua, o presente trabalho, em um diálogo estabelecido com a Teoria das Operações Enunciativas, referencial teórico no qual se inscreve a nossa proposta de prática de produção/compreensão de textos, concebe o outro como primeiro em relação ao mesmo, encontrando-se ambos definidos a partir do arranjo e da combinação das formas linguísticas. Resultam daí concepções de sentido e de enunciação que divergem das concepções comumente observadas, visto serem, na perspectiva por nós assumida, o sentido apreendido como o produto de um cálculo – a ser deduzido das formas que o constroem – e a enunciação, trazida para o cerne do processo de significação, como o modo pelo qual as formas significam. É o enunciado em sua materialidade formal que nos importa: uma organização de formas, de “marcas”, que se vê ordenando um certo efeito significativo. Resulta daí ainda uma concepção de sujeito estritamente linguístico, construído por meio da linguagem, e manifestado pela própria natureza semântica das formas linguísticas, formas que, longe de serem estanques e prontas para o uso, têm sua estabilidade construída a cada dizer. No trabalho com a língua, já dizia Franchi (Cf. *Criatividade e gramática*, in: Franchi, C.; Negrão, E.; Müller, A., 2006: “Mas o que é mesmo *gramática*?”), interessa fazer com que se opere sobre a linguagem, para que se percebam, nesse trabalho, a riqueza das formas linguísticas e a criatividade que da mais simples das expressões emana em cada atividade discursiva. Tomando como fundamento para a atividade de produção/compreensão de texto as formas linguísticas e nada mais além delas, buscamos apresentar uma reflexão sobre a atividade de reformulação como fundamento para uma prática reflexiva que, conduzindo à percepção de nosso lugar no processo de construção de significação por não mais sermos apreendidos como dele dissociado, permita compreender de modo mais significativo o processo de simbolização.

Palavras-chave: gramática operatória, reformulação e processo de significação.

16h30- É impossível escrever feliz sozinho? O sujeito, o outro e a escrita

Uma coisa é certa: você não me roubou este livro, porque ele não pertence a mim, nem a você, mas a alguma outra pessoa. Se não estou enganado, ele deve ter vindo de Fantasia. Quem sabe. (*op.cit.*: 324)

O CORPO E A AQUISIÇÃO DA ESCRITA: FRONTEIRAS ENTRE GOZO E DESEJO. UM ESTUDO DE CASO

Marisa Assunção TEIXEIRA

A partir de uma concepção de sujeito construída na intersecção dos campos da educação, da linguagem e da psicanálise, o objetivo deste estudo é o de investigar o caso de uma criança que foi acometida por lesão cerebral causada por bactéria que resultou em perda de movimentos do hemicorpo, episódios de epilepsia e ausência de linguagem falada, acontecimentos que, no contexto escolar, configuraram-se como impedimentos para ascender à escrita. As seguintes perguntas norteiam a pesquisa: de que forma a dimensão pulsional operaria neste sujeito, resultando em modos específicos de se relacionar com a linguagem e, mais propriamente, com a escrita alfabética? Intervenções do outro poderiam mobilizar a economia pulsional de forma a incidir sobre o corpo doente, e implicar o sujeito em novos rearranjos em sua relação com a e na linguagem? O *corpus* é composto por gravações de vídeos, realizadas nos anos de 2006 e 2007, que apresentam duas situações de aula, material gráfico suposto como “escrita” dos anos de 2006, 2007 e 2008, entrevistas com responsáveis e professores, e instrumentos de avaliação do rendimento escolar. A hipótese é que, a partir da descoberta das cantigas de roda, impregnadas da tradição cultural, a criança pôde atravessar o discurso que lhe reduzia a ser um corpo doente para conquistar um corpo de fruição, lançando-se no campo do imaginário, condição para uma futura articulação com o registro simbólico. Da mesma forma que intervenções educativas promovidas pelo outro podem propiciar este deslocamento nos modos de se relacionar com a linguagem, a criança, por meio do seu trilhamento pulsional, pode implicar-se em novos rearranjos neste processo.

Palavras-chave: subjetividade, textos orais, escrita.

A ARGUMENTAÇÃO EM TEXTOS INFANTIS: AS CONSTRUÇÕES DO “EU” A PARTIR DO “OUTRO”

Renata de Oliveira COSTA

Para desenvolver uma argumentação consistente, o locutor precisa colocar o interlocutor, a quem visa a convencer, numa posição privilegiada, o que significa algumas vezes abrir mão dos próprios pontos de vista em favor daqueles de quem pretende convencer. (PEREMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2002) Nesse sentido, questionamos: crianças recém-alfabetizadas são capazes de mobilizar argumentos válidos para um determinado interlocutor, de modo a convencê-lo a atender uma demanda, por meio do texto escrito? Para responder a essa pergunta, foram selecionados nove informantes, alunos de uma escola estadual localizada na Zona Leste da cidade de São Paulo que, a data inicial da coleta do *corpus*, cursavam a primeira série do Ensino Fundamental. O *corpus* está sendo composto por seis textos de cada uma das crianças, coletados pela professora regente da classe, durante o período de um ano. Assim, o objetivo da presente pesquisa é observar, por meio do acompanhamento longitudinal, a construção de argumentos em textos escritos por crianças recém-alfabetizadas. A análise depreendida até o momento demonstrou que essas crianças são capazes de mobilizar diferentes enunciadores (DUCROT, 1987) para convencer o interlocutor a atender seu pedido. Observamos que nas primeiras produções há pouca polifonia, ou seja, as crianças mobilizaram poucos enunciadores, os quais não demonstravam uma preocupação do locutor para com seu interlocutor. No entanto, as produções seguintes revelaram uma evolução, no sentido de que os sujeitos da presente pesquisa começaram a incluir em seus textos uma preocupação com o efeito que seu texto poderia ter sobre o outro, através da seleção de enunciadores válidos para um interlocutor específico.

Palavras-chave: escrita, argumentação, polifonia.

UM SUJEITO SEM OUTRO: O QUE SERIA DE BASTIAN SEM ATREIU?

Claudia Rosa RIOLFI

Os trabalhos que tomam a psicanálise como área desde onde analisam os fenômenos ligados à escrita e ao seu ensino costumam afirmar que o texto pode funcionar como dimensão de alteridade para quem escreve. No escopo destas investigações, uma teoria do sujeito dividido, efeito de linguagem, está mobilizada. Trata-se de uma inspiração teórica ligada ao período que ficou conhecido como a primeira clínica de Jacques Lacan, elaboração que responde a um mundo organizado em torno da figura organizadora do pai. Assim, seus autores acreditam que, a partir da divisão subjetiva tomada como pressuposto, aquele que escreve pode reter-se. Nós também já pensamos assim. Este pensamento, entretanto, tornou-se inviável em face ao crescimento geométrico de fenômenos ligados à escrita, nos quais, para dizer pouco, fica claro que o sujeito é incapaz de se afastar do texto, com o qual permanece confundido em uma cegueira aterradora. Em face a este novo sujeito, que não mais responde tão bem à organização simbólica, a organização em torno de grupos colaborativos tem se feito premente. Nosso Bastian não se descobre analfabeto se Atreiu não lhe chama à responsabilidade. Neste Workshop, cujo objetivo mais amplo foi discutir o traçado do renascimento contemporâneo que se vislumbra por meio do trabalho de quem não se limita a lamentar um passado mítico, pretendemos mostrar a necessidade do estreitamento das parcerias por meio das quais o sujeito pode encontrar sustentação para poder escrever.

Palavras-chave: escrita, sujeito contemporâneo, laço social.